

Milão ditará o destino da Itália

Pode não ser deslumbrante como Roma ou Veneza, mas é o motor económico do país que impulsionará a recuperação pós-vírus



Praça de Duomo a 29 de Março

4 de abril de 2020

Por Tommasco Ebhardt, Daniele Lepido e Sonia Sirletti

Consultado em: <https://www.bloomberg.com/news/features/2020-04-04/coronavirus-italy-s-recovery-will-be-driven-by-milan>

Em Milão confinado, as vidas que sempre remeteram às alegres praças mudaram quase inteiramente para o mundo online, e as mensagens de texto são o principal modo de contactar o mundo exterior. É onde os memes descabidos do coronavírus se propagam, como o do fresco da Capela Sistina de Michelangelo, com Deus a desinfetar as mãos de Adão. É a única maneira das famílias comunicarem com os doentes, sequestrados em enfermarias hospitalares lotadas. E é também assim que se fica a saber do fim da marcha da vida espelhada na morte: um vizinho, avô de um dos colegas de escola dos seus filhos, amigo de um amigo.

Por quase um mês, 10 milhões de pessoas em Milão e na região circundante da Lombardia estão sob quarentena forçada, medidas que foram estendidas a todo o país e devem continuar por mais algumas semanas. A cidade está deserta, já que qualquer pessoa capaz de o fazer, trabalha em casa com um laptop e AirPods, à espera do relatório diário das 18h para reunir qualquer sinal de esperança nas estatísticas de mortalidade e infeção das últimas 24 horas.

Na divulgação de sábado, os italianos têm motivos para sentir um otimismo cauteloso. O número diário de óbitos na Itália caiu para 681, o menor número desde 26 de março. Ainda assim, mais de metade foram na Lombardia.

Esta é a realidade do motor da economia italiana, o coração de uma região responsável por quase metade da produção nacional. Milão é a capital financeira e de negócios da Itália, um centro global da moda, uma potência industrial, rodeada por ricas terras agrícolas, um destino para milhões de turistas todos os anos. Num olhar muito real, o destino Milão, é o destino Itália.

A última vez que a Itália ficou de joelhos, depois da Segunda Guerra Mundial, foi Milão junto com as regiões circundantes que reergueram o país. "Os italianos estavam no seu melhor durante a reconstrução, agora será igual", disse o presidente Sergio Mattarella num discurso em horário nobre.



Os canais de Milão por norma estão cheios de pessoas. Agora a realidade é outra.
Fotografia: Lorenzo Palizzolo / Getty Images

As indústrias do triângulo Milão-Turim-Génova impulsionaram o "milagre econômico" das décadas de 50 e 60, quando a Itália cresceu mais de 5% ao ano e as fábricas deram ao mundo ícones como o Fiat 500, a scooter Piaggio Vespa, com pneus Pirelli usados em ambos. "Milão não vai desistir", diz Marco Tronchetti Provera, diretor executivo da Pirelli & C. SpA, cujo filho testou positivo ao coronavírus. "Desistir não faz parte do seu DNA."

No entanto, será necessário um grande esforço dos bancos, fábricas e agricultores de Milão para tirar a Itália desta crise. Com a queda do investimento empresarial em mais de 10%, a economia caminha a passos largos para uma contração de 6% este ano, e as perspectivas podem ser ainda mais sombrias se a emergência de saúde pública não terminar em maio, prevê a Confindustria. O governo já disponibilizou pelo menos 50 bilhões de euros (US \$ 55 bilhões) em ajudas econômicas, o que aumentará os empréstimos, que já totalizam 135% do PIB, mais do dobro do rácio Alemão. Este aumento crescente de dívida ameaça deixar a Itália dependente da União

Europeia para manter a estabilidade financeira - e pode deixá-la à mercê dos parceiros da UE para assegurar investimento.

"A Itália entrou numa luta contra a pandemia da pior forma possível e os efeitos serão dramáticos", diz Giuseppe Berta, professor de história da Universidade Bocconi. "É uma situação perigosa."



Fiat 500 em 1957.

Fotografia: Marka / Clube de Turismo Italiano / Marka / Universal Images Group via Getty Images

Com tanto em jogo, muitos esforços serão focados nas soluções, muitos italianos dizem que a crise, por mais dolorosa que seja, apresenta uma oportunidade para promover mudanças há muito esperadas após uma década de estagnação. Embora exista o risco de o país ficar permanentemente dependente de fundos de emergência da UE ou do Banco Central Europeu, alguns líderes empresariais dizem que é o momento de mudar a forma como os italianos encaram a vida e o negócio.

"É difícil estimar a gravidade das consequências para o país, mas também pode ser uma oportunidade para promover reformas do sistema", diz Riccardo Mulone, chefe do UBS Group AG na Itália. "Esta é uma guerra que, em vez de soldados na linha da frente, tem médicos e enfermeiros, e nos períodos pós-guerra os italianos dão o seu melhor."

Qualquer "reconstrução" pós-vírus irá certamente ligar o eixo que liga *Porta Nuova*, uma zona de arranha-céus que é o coração financeiro, e a *Piazza Affari* ("Praça de Negócios") no centro histórico, ancorado pela pesada casa neoclássica de 1930 da bolsa de valores, a *Borsa Italiana*.

Os bancos nestas áreas canalizarão bilhões em assistência governamental para as empresas e as famílias. Em março, os credores concordaram com uma moratória sobre o pagamento de empréstimos e outras dívidas de pequenas e médias empresas, e o governo garantirá os

empréstimos necessários para manter as empresas em operação. Os bancos concordaram adiantar o dinheiro dos trabalhadores demitidos que o estado prometeu.

"É importante que os bancos estejam predispostos a apoiar a economia", diz Jean Pierre Mustier, CEO da UniCredit SpA.



A Borsa Italiana.

Fotografia: Gianmarco Maraviglia / Bloomberg

A crise do vírus acontece, assim que os bancos italianos conseguiram finalmente recuperar da crise financeira de 2008. Mas o isolamento atrapalhou os bancos, bem como todas as tarefas cotidianas, desde a entrega de alimentos ao preenchimento de prescrições na farmácia. As agências bancárias permitem apenas clientes à porta a cada dois dias, quem necessitar de ajuda financeira e não o conseguir fazer online, sofrerá atrasos. "Ainda estou à espera de uma reunião", diz Maurizio Guidi, sócio da EUSolar Srl, construtora de painéis solares que procura expandir a linha de crédito da sua empresa para cobrir custos durante o confinamento. "Eles estão sobrecarregados com chamadas."

A crise deixou os dois polos do sistema financeiro de Milão desertos. A *Piazza Gae Aulenti*, uma vasta extensão de cimento e pedra honrada pela brilhante Torre UniCredit de *Cesar Pelli*, é uma cidade fantasma, a maioria das pessoas fica em casa. Os poucos que aparecem são monitorizados com um termómetro. Três quilômetros sul, na *Ca 'de Sass* (Casa de Pedra), um edifício do século 19 inspirado nos bancos renascentistas de Florença, a sua envoltória é igualmente bastante calma. Nenhum banqueiro de fato, nenhum turista tira selfies, ninguém nos restaurantes, onde há cafés estes estão vazios e as cadeiras em cima das mesas.



A torre UniCredit.

Fotografia: Nicolò Campo / LightRocket via Getty Images

De repente, o silêncio é interrompido por uma ambulância, leva outra vítima a médicos sobrecarregados protegidos da cabeça aos pés, ou pela polícia que patrulha as ruas com um megafone gritando a mensagem: “Fique em casa. Não saia. Fique em casa. Não saia.”

Desde que a primeira infecção em Itália que foi detetada numa cidade vizinha, há apenas seis semanas, cerca de 8.000 pessoas morreram de Covid-19 na Lombardia – o que representa quase 60% do total de mortes no país. Para lidar com o aumento de casos, o hospital *Fatebenefratelli*, a cerca de 10 minutos de bicicleta a nordeste do Borsa (ou cinco minutos de metro, mas poucos o usam hoje em dia), converteu a ala de pediatria para receber pacientes com coronavírus. O hospital de *Sacco*, a norte, suspendeu as autópsias durante a epidemia para que a equipa se possa concentrar no vírus.

Portello, uma área histórica outrora onde a Alfa Romeo contruía sedãs desportivos e carros de dois lugares, é o esforço mais ambicioso da cidade para lidar com o vírus. Dois pavilhões no centro de exposições *Fiera Milano* estão a ser transformados num hospital de campanha com 200 camas de cuidados intensivos para pacientes infetados.



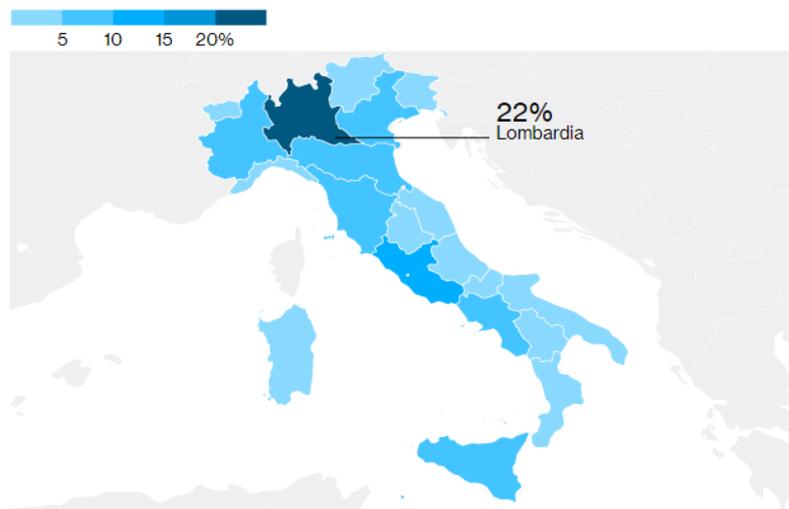
Ala do hospital de campanha na Fiera Milano.
Fotógrafo: Gian Mattia D'Alberto / LaPresse via AP

Construído em 10 dias, sem precedentes e com expectativa de começar a receber pacientes na próxima semana, revela a solidariedade cívica que a pandemia gerou. O custo de 40 milhões de euros, foi coberto por doações de ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi e Leonardo Del Vecchio, presidente da gigante oculista EssilorLuxottica SA. O chef e celebridade Carlo Cracco está a preparar especialidades como risoto e frittatas para os 70 trabalhadores responsáveis pela construção do hospital. Luca Rovati, filho do pioneiro farmacêutico e bilionário Luigi Rovati, garantiu 260 ventiladores chineses para serem instalados.

"A cidade uniu-se para fazer o impossível", diz Enrico Pazzali, presidente da *Fondazione Fiera Milano*, responsável pelo centro de exposições. "Todos os cidadãos estão envolvidos neste processo. Todos querem ajudar neste momento de tragédia."

Motor económico

As regiões do Norte são responsáveis por grande percentagem do PIB italiano



Fonte: Istat

As fábricas de Milão, serão o centro da recuperação económica e, apesar da escala dos problemas que a Itália enfrenta, algumas empresas de grande relevância relatam normalidade. A Prysmian SpA, o maior fabricante mundial de cabos elétricos e de comunicações, separou-se da Pirelli em 2005 e está sediada ao lado do fabricante de pneus no subúrbio norte de Bicocca.

Valerio Battista, o engenheiro toscano que lidera a Prysmian, trabalha em casa, mas preside regularmente as reuniões por videochamada e telemóvel com gerentes em todo o mundo. Diz que o impacto até agora está "sob controlo" e, como a crise na Ásia diminuiu, as notícias do primeiro continente afetado pelo vírus são animadoras.

"Os nossos negócios na China estão a um ritmo normal. É ainda melhor do que imaginámos num cenário pós-crise", diz Battista. "Espero que a Itália e a Europa sigam o mesmo caminho dentro de alguns meses, embora provavelmente a um ritmo mais lento de recuperação."



Uma farmácia em Milão.

Fotógrafo: Valeria Ferraro / SOPA Images / LightRocket via Getty Images

A Ferrari, sediada a duas horas a sul de Milão (ou talvez uma hora num dos seus supercarros de US \$ 1 milhão), diz que os seus negócios mal foram afetados pelo surto, já que seus carros são encomendados com até 18 meses de antecedência. Mas com a fábrica fechada durante o confinamento, a empresa não consegue esclarecer se haverá atrasos nas entregas no final do ano.

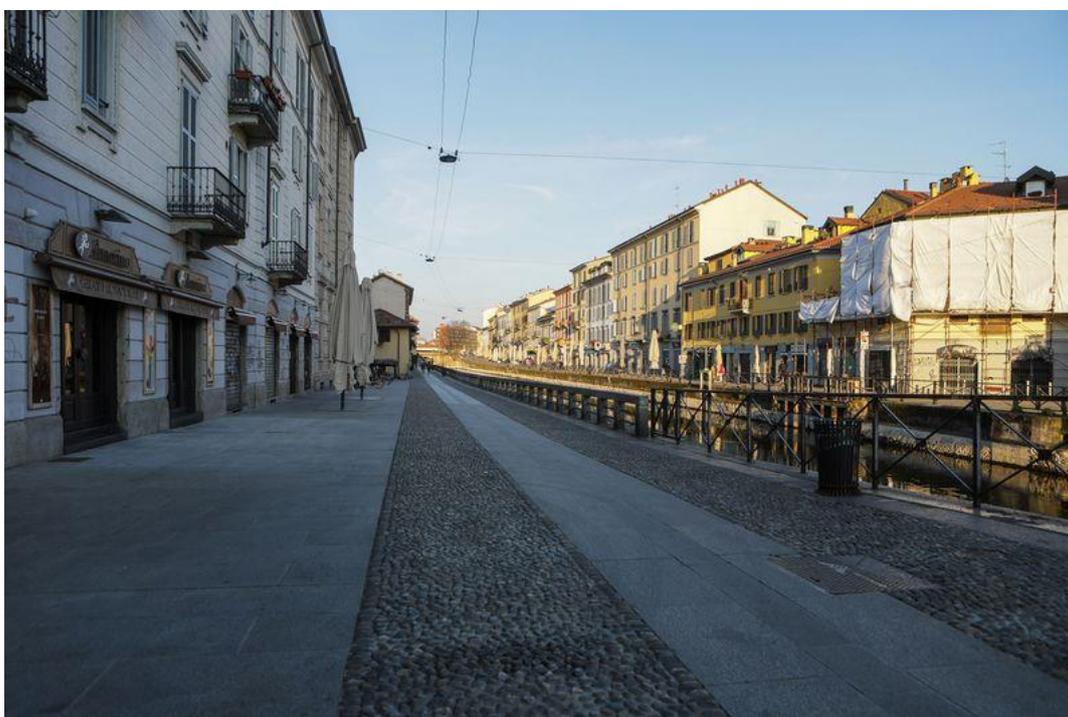
"Não vimos nenhuma quebra anormal de pedidos", diz o CEO da Ferrari, Louis Camilleri. "Os nossos clientes fora da Itália estão realmente a tentar ajudar-nos."

Para empresas que não têm uma presença global, há poucas razões para otimismo.

A Salmoiraghi Automatic Handling produz equipamentos para armazéns automatizados perto da pista de Fórmula 1 de Monza. O fundador Sandro Salmoiraghi diz que o confinamento colocou a empresa num "caos completo" e que um cliente importante atrasou recentemente o seu pedido um ano, deixando os seus 60 funcionários com pouco trabalho.

"Lembro-me dos ataques aéreos da Segunda Guerra Mundial em Milão", diz Salmoiraghi de 85 anos. "O nosso inimigo atual, o vírus, é pior do que as bombas, porque é invisível."

Se as grandes empresas são a espinha dorsal de qualquer recuperação para Milão, à medida que sair do confinamento, são as pequenas empresas que servem de alma à cidade - e sustento. Até agora, há realidades diferentes, com alguns negócios a prosperar. A Terroir, uma mercearia orgânica e uma loja de vinhos no distrito de Risorgimento, viu as vendas multiplicarem nas últimas semanas, uma vez que os locais fazem compras na loja mais perto, em vez de fazerem fila nos supermercados. Mas o Smartkook, um local de refeição normalmente cheio a poucos minutos a pé do majestoso Duomo gótico de Milão, teve que deitar fora dezenas de filetes de salmão que tinha comprado pouco antes do confinamento. "Perdemos milhares de euros em alimentos", diz o gerente Paolo Zubani, que agora está a considerar um negócio de entregas para manter algumas receitas.



Navigli está tipicamente cheia de restaurantes e mesas ao ar livre.
Fotografia: Mairo Cinquetti / NurPhoto via Getty Images

Qualquer recuperação real, só poderá acontecer quando a Smartkook e outros restaurantes possam novamente abrir portas para residentes e visitantes. O Confcommercio, um lobby de negócios, prevê que restaurantes e hotéis tenham uma queda de 23 bilhões de euros em vendas - 22% - este ano. Alberto Salvagnin suspeita que as quebras na sua empresa estejam próximo dos 90%.

Ele é o proprietário da Veditalia, empresa de visitas guiadas em inglês que no ano passado faturou 1,2 milhão de euros. Faturou cerca de 150.000 euros em janeiro, mas diz que "o resto do ano será zero". Todas as reservas até setembro foram canceladas e prevê vários anos de recuperação para atingir o patamar do ano anterior. Solicitou ajuda ao governo para cobrir os salários de seus seis funcionários, mas os 1.200 euros que eles recebem todos os meses é muito inferior ao que normalmente ganham, e o programa de ajuda financeira expira em 90 dias.

"Como posso pagar aos funcionários depois disso?" questiona Salvagnin. "O mundo será mais pobre e as pessoas terão medo de viajar."

Outro negócio alimentado pela economia turística, a moda, está também a ajudar a combater a crise. O Grupo Armani começou a produzir aventais descartáveis para os profissionais de saúde nas fábricas italianas, onde costuma costurar fatos de US \$ 2.500 de lã e caxemira. A Prada está a produzir máscaras protetoras. A luxuosa Moncler SpA doou 10 milhões de euros para o novo hospital de campanha em Portello.



Via Monte Napoleone.

Fotógrafo: Nicolò Campo / LightRocket via Getty Images

Com a Via Monte Napoleone, a artéria do distrito da moda repleta de lojas fechadas, Moncler usa a pausa forçada para garantir que possa regressar ainda mais forte. A crise destaca a importância da internet para as vendas, diz o CEO Remo Ruffini, e enquanto a Moncler tem o foco na sua coleção de inverno, a equipa tem ordens para manter as coisas simples para que elas possam acelerar a produção rapidamente quando tudo reabrir.

"A mensagem que passo à minha equipa é voltar ao básico", diz. "Esqueçam os detalhes."

Milão não tem o fascínio de outras cidades italianas - as ruínas antigas de Roma, o esplendor renascentista de Florença ou os canais de Veneza - mas o que falta no encanto é compensado pelo carisma. Na sua essência, Milão é, nos séculos XX e XXI, o que cada uma das outras cidades era noutra época. Abrange negócios, comércio e uma visão do futuro de uma maneira que nenhum outro país pode igualar, e isso, diz Donatella Depperu, professora de estratégia de negócios da Universidade Católica do Sacro Cuore de Milão, é o que será sua salvação - e da Itália.

"Esta pandemia não mudará o papel de Milão como a capital moral e económica do país", refere. "E, como tal, os anticorpos presentes em Milão tornarão a cidade, e toda a Itália, mais forte à medida que avançamos na recuperação".